

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

DESIGN, FUTUROS E CRÍTICAS À COLONIALIDADE UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A FLUIDEZ DISCIPLINAR

Palavras-chave: design, futuro, interdisciplinaridade, colonialidade, epistemologias do sul

Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos; Escola de Design,
Universidade do Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais,
Brasil; ana.0198399@discente.uemg.br

Natalie Davantel Comparetti; Faculdade de Arquitetura e de
Urbanismo e de Design, Universidade de São Paulo; São Paulo, São Paulo,
Brasil;
natalie.davantel@usp.br

Cyntia Santos Malaguti de Sousa; Faculdade de Arquitetura e de
Urbanismo e de Design, Universidade de São Paulo; São Paulo, São Paulo,
Brasil; cyntiamalaguti@usp.br

Marcelina das Graças Almeida; Escola de Design, Universidade do
Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
marcelina.almeida@uemg.br

1. Design em diálogo com o futuro

O mundo atual tem passado por rápidas transformações e enfrenta crises de diferentes ordens, aprofundando desigualdades e incertezas. A prática de imaginar futuros é uma atividade inerente à humanidade, mas que se profissionalizou como abordagem associada ao planejamento estratégico, devido tanto às incertezas que vivemos em sociedade quanto à aceleração de transformações que têm ocorrido em diversas esferas. No final de 2019, uma pandemia atingiu o mundo — afetando, sobretudo, as populações mais vulneráveis — aprofundando o sentimento de incerteza e especulações sobre o futuro.

As práticas de planejamento de futuros não são recentes, mas têm despertado interesse crescente, especialmente a partir de 2020, quando organizações internacionais — como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fórum Econômico Mundial (World Economic Forum, 2020; UNESCO, 2024)

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

— passaram a destacar a alfabetização em futuros, o pensamento sistêmico, a capacidade de antecipação e a prospecção estratégica como habilidades essenciais para o século XXI.

A designer Cyntia Santos Malaguti de Sousa (2019) afirma que, a partir da década de 1960, empresas e governos passaram a utilizar com mais frequência os estudos de construção de cenários, desenvolvendo métodos específicos para auxiliar na tomada de decisões. Para Sousa (2019), o principal ponto de convergência entre o design e os estudos de futuros é a atitude antecipatória, uma vez que o design é uma atividade intrinsecamente ligada ao futuro, ao projeto de um mundo que ainda não existe. O designer Victor Margolin (2007) corrobora essa afirmação ao argumentar que designers criam modelos, protótipos e proposições que ocupam um espaço dialético entre o mundo que existe e o mundo que poderia vir a ser.

Nas últimas décadas, o campo do design tem passado por um processo de revisão crítica de seus fundamentos, métodos e objetivos. Ainda na década de 1990, o designer e pesquisador norte-americano Adam Richardson afirmou que o design enfrentava uma crise de identidade, propósito e significado (Richardson, 1994). Já na década de 2010, Craig Bremner e Paul Rodgers (2013) argumentaram que o design vivenciava um período de transformações, caracterizado pela fluidez das fronteiras disciplinares tradicionais e pela crescente influência de outras forças — não apenas técnicas — sobre o campo.

Segundo os autores, a própria noção de disciplina tornou-se fluida e instável, exigindo novas formas de pensar e praticar o design. Refletindo sobre o design em um contexto de globalização e rápidas mudanças, Bremner e Rodgers (2013) sustentam que a disciplina está se dissolvendo e que há uma necessidade urgente de repensar suas fronteiras, métodos e propósitos, a fim de enfrentar os desafios do século XXI.

Diante desse cenário de crises globais e de transformações disciplinares, emergiram abordagens do design mais diretamente comprometidas com a criação de futuros desejáveis, como o design especulativo (Dunne & Raby, 2013), o design de transições (Escobar, 2018; Tonkinwise, 2015; Irwin, 2025), o design prospectivo (Botter;

Fukushima; Gogola, 2020; Guimarães, 2020; Van Amstel, 2025) e o design de futuros (Saijo, 2010; Peña & Anastassakis, 2024).

Neste contexto, o presente artigo propõe discutir a fluidez das fronteiras do design em abordagens que o colocam em diálogo com os estudos de futuro, explorando, de forma comparativa, o emprego de conceitos oriundos de outras áreas de pesquisa e prática que emergem nessas abordagens.

2. Procedimentos metodológicos

A abordagem metodológica adotada é qualitativa e comparativa (Fachin, 2006), com foco na fundamentação teórica compartilhada entre dois trabalhos de pós-graduação em design, atualmente em desenvolvimento pelas pessoas autoras: um de mestrado e o outro de doutorado. Ambas as pesquisas apresentam naturezas investigativas distintas: enquanto a de mestrado busca compreender um fenômeno emergente no campo do design, a de doutorado propõe o desenvolvimento de processos projetuais. A análise comparativa está estruturada a partir de dois eixos: (1) o levantamento dos conceitos identificados como comuns entre os trabalhos; e (2) as críticas que esses conceitos formulam, bem como as mudanças que propõem ao campo do design. Do ponto de vista das fontes de informação, portanto, este artigo se vale fundamentalmente de dados secundários, identificados a partir de revisão de literatura.

2.1 Intersecções entre design, decolonialidade e futuros

A primeira pesquisa analisada é um trabalho de mestrado em fase de finalização, que investiga a influência do pensamento decolonial no campo do design, com ênfase em abordagens voltadas ao desenvolvimento de visões de futuro. Trata-se da análise de um fenômeno ainda pouco consolidado, cujo objetivo é compreender como as pesquisas e o ensino de pós-graduação articulam os temas do design, da decolonialidade e dos estudos

de futuro. Para isso, foi realizado um levantamento preliminar de 16 trabalhos acadêmicos, por meio de mapeamento sistemático (Petersen *et al.*, 2008).

Os trabalhos analisados, publicados entre 2016 e 2023, revelaram a aplicação de conceitos como epistemologias do Sul, autonomia, transições, pluriverso, perspectiva ameríndia, afrofuturismo, quilombismo, amorosidade, ato criativo como prática de reexistência, desobediência tecnológica, mediância, possibilismo radical, sonhos e memória.

2.2 Design de futuros em uma perspectiva amefricana

A segunda pesquisa analisada é um trabalho de doutorado, já aprovado no processo de qualificação, que tem por objetivo investigar o design de futuros a partir de uma perspectiva crítica, utilizando a amefricanidade (Gonzalez, 1988) e pensamentos críticos à colonialidade. O trabalho busca compreender os problemas e as potencialidades desta área emergente na construção de outros mundos, especialmente quando alinhada a futurismos não hegemônicos, como o afrofuturismo e os futurismos indígenas. A pesquisa é construída com base em epistemologias dissidentes, constituindo-se como pesquisa qualitativa (Ludke; André, 2013) e aplicada (Silva; Menezes, 2005), que propõe inserir no processo de construção de futuros no design, visões de mundo e conceitos compartilhados por grupos não hegemônicos e corpos dissidentes, como sonho, utopia, memória, ancestralidade, pluriversalidade, quilombismo e críticas à colonialidade.

3. Considerações parciais

A análise comparativa entre as duas pesquisas possibilitou a proposição de uma articulação entre pessoas pesquisadoras interessadas em romper com o isolamento da produção acadêmica, por meio da identificação e correlação de conceitos compartilhados em seus trabalhos. Apesar de adotarem estratégias metodológicas distintas, os dois estudos revelam a presença de conceitos similares no campo do design, o que indica a

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

ocorrência de um fenômeno transversal a diferentes contextos — ainda que nomeado e abordado de maneiras diversas (Fachin, 2006).

Entre os principais conceitos que emergiram das investigações, destacam-se: epistemologias do Sul (Santos, 1995) e epistemologias dissidentes (Aspis, 2022); pluriverso (Ramose, 2011; Escobar, 2018); autonomia (Freire, 1996; Escobar, 2016); desobediência tecnológica (Oroza, 2012) e gambiarra (Messias e Mussa, 2020); sonho (Limulja, 2019; Krenak, 2022) e utopia (Santos, 2000; Ashcroft, 2013); memória (Elmandjra, 1984; Ashcroft, 2013) e ancestralidade (Oliveira, 2012; Santos, 2024). Observa-se, ainda, a emergência de processos inter e transdisciplinares em construção, vinculados a uma escola de pensamento em formação, cuja base epistemológica busca referências, sobretudo, na filosofia, antropologia, sociologia e história.

Como resultado, observa-se um movimento de crítica ao campo do design, em que pessoas pesquisadoras reconhecem a presença de uma colonialidade estrutural. Mesmo com abordagens distintas, os conceitos identificados convergem na crítica às práticas hegemônicas e na proposição de novos modos de pensar e atuar no design. Tais conceitos, portanto, podem ser associados entre si, revelando, em um segundo plano, uma necessidade comum de transformação do campo — ainda que fundamentados em referenciais teóricos diversos.

Historicamente, as discussões no campo do design foram influenciadas pelos contextos sociopolíticos e culturais que o circundam, gerando movimentos contínuos de questionamento das práticas estabelecidas. Como exemplo, destaca-se o designer e escritor alemão Gui Bonsiepe, alinhado ao pensamento crítico latino-americano que defendia um modelo de desenvolvimento autônomo para os países então considerados periféricos, em contraposição à dependência das soluções impostas pelos países ditos desenvolvidos, na década de 1980. Seu posicionamento dialogava com intelectuais como Darcy Ribeiro — que, inclusive, escreveu a apresentação do livro *A tecnologia da tecnologia*, publicado em 1983 (Bonsiepe, 1983; 2012).

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

No entanto, o movimento atual revela uma intensificação da fluidez das fronteiras disciplinares do design, refletindo crises mais amplas do capitalismo, da globalização e das identidades — fenômeno que não se restringe exclusivamente ao campo do design.

A globalização, por exemplo, fomenta uma visão de mundo homogênea e alimenta o imaginário social de que não há alternativas viáveis de futuro, reforçando a ideia de sua inevitabilidade. Essa imposição pode ser enfrentada por meio da articulação de iniciativas que desafiem as estruturas de poder dominantes (Santos, 2022). Designers, nesse contexto, têm buscado responder às crises contemporâneas com ênfase no pensamento local e na construção de perspectivas positivas e utópicas de futuro. Movimentos como afrofuturismo, futurismos indígenas e perspectivas como quilombismo, amefricanidade e perspectivas indígenas aparecem como alternativas na construção de outras visões de mundo e de futuros.

Como hipótese, argumenta-se que a busca por novas práticas no design está relacionada à afirmação de identidades, à redefinição do sujeito projetual e às necessidades específicas de grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, o campo procura tecer críticas à colonialidade presente na área, sobretudo nos contextos brasileiro e latinoamericano, e incorporar epistemologias historicamente silenciadas como forma de construir outros mundos e futuros possíveis.

Observa-se, assim, a identificação de novos contornos ontológicos que, a cada surgimento, demandam epistemologias outras capazes de compreendê-los.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill. African futures: the necessity of utopia. **International Journal of African Renaissance Studies**, v. 8, n. 1, p. 94-114, 2013.

BONSIEPE, Gui. **A tecnologia da tecnologia**. Editora Edgard Blücher: São Paulo, 1983.

BONSIEPE, Gui. **Design**: como prática de projeto. Editora Edgard Blücher: São Paulo, 2012.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

BOTTER, Fernanda; FUKUSHIMA, Kando; GOGOLA, Milena Maria Rodege. Prospectando futuros para a educação superior no contexto pós-pandemia COVID-19. **Estudos em Design**, v. 28, p. 96-109, 2020. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1021/448>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BREMNER, Craig; RODGERS, Paul. Design without discipline. **Design Issues**, v. 29, n. 3, p. 4-13, 2013.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. **Speculative everything: design, fiction, and social dreaming**. Cambridge: MIT Press, 2013.

ELMANDJRA, Mahdi. Reclaiming the future: futures studies in Africa. **Futures**, v. 16, p. 574-578, 1984. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0016328784901198>. Acesso em: 02 jul. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 5 ed. [rev.]. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988b.

IRWIN, Terry. **Transition design: a proposal for a new area of design practice, study and research**. Design & Culture Journal, Londres, v. 7, p. 229-246, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMULJA, Hanna Cibele Lins. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pyau – Toototopi)**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LUDKE, Menga. ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013

MARGOLIN, Victor. Design, the future and the human spirit. **Design Issues**, v. 23, n. 3, p. 4-15, 2007.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

MESSIAS, José; MUSSA, Ivan. Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais. **MATRIZES**, 14(1), 173-192, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p173-192>.

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 18, p. 28-47, 2012.

OROZA, Ernesto. Desobediência Tecnológica. In **Ernesto Oroza** (website), 2012. Disponível em: <http://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico>. Acesso em: 24 jun. 2025.

PEÑA, Lorena; ANASTASSAKIS, Zoy. Design de futuros: especulações sobre Brasis possíveis a partir de uma abordagem contracolonial. In CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 2024, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: EDUA, 2024. v. 1. s/p.

PETERSEN, Kai; FELDT, Robert; MUJTABA, Shahid; MATTSSON, Mattsson. Systematic mapping studies in software engineering. In INTERNATIONAL CONFERENCE ON EVALUATION AND ASSESSMENT IN SOFTWARE ENGINEERING - EASE, 12., 2008, Bari. **Proceedings [...]**. Bari: University of Bari, p. 68-77, 2008.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Ensaio Filosóficos**. Rio de Janeiro, v. IV, out. 2011.

SAIJO, Tatsuyoshi. Future design: an introduction. In SAIJO, Tatsuyoshi. **Future design: incorporating preferences of future generations for sustainability**. Singapura: Springer, 2020. p. 1-16.

SANTOS, Boaventura de Sousa (ed.). **O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das Epistemologias do Sul**. 1 edição, Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 34 ed. São Paulo: Record: 2022.

SANTOS, Morena Mariah Couto Souza dos. **Por um afrofuturismo brasileiro: experiências em educação, comunicação e cultura e os princípios para epistemologias afrofuturistas no Brasil**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estudos de Mídia) – Centro de Estudos de Mídia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2024.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

SILVA, Enda Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ed. Florianópolis: UFSC, 2005

SOUSA, Cyntia Santos Malaguti De. Estudos de futuro e premiações em design: observatório de mudanças na cultura material. **Actas de Diseño**, n. 28, 2019.

TONKINWISE, Cameron. How we intend to future: review of Anthony Dunne and Fiona Raby, speculative everything: design, fiction, and social dreaming. **Design Philosophy Papers**, v. 12, n. 2, p. 169–187, 2015.

UNESCO. Futures literacy & Foresight. **Unesco.org**. Paris, 29, nov. 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/futures-literacy>. Acesso em: 10 jan. 2025.

WORLD ECONOMIC FORUM. The four skills to make the world better after COVID-19. **World Economic Forum**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/stories/2020/08/the-four-skills-to-make-the-world-better-after-covid-19/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

Esta pesquisa conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).